

## APRESENTAÇÃO

### Travestimentos da Voz

À Ana Luísa Amaral, as nossas saudades.

Desde os primórdios da literatura, o travestimento literário assinala o intervalo, o interstício, entre a voz autoral e a voz textual. Apontando para uma desfasagem entre ambas, o procedimento literário do travestimento confirma e nega as estruturas do pacto de leitura, os seus sistemas hierárquicos e a assimetria entre os valores outorgados aos géneros e aos sexos. Assim, o presente volume, que resulta de uma parceria entre o CELIS – *Centre de Recherche sur les Littératures et la Sociopoétique*, da Universidade de Clermont Auvergne, e o ILCML – Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, pretende contribuir para a reflexão em torno dos processos de travestimento da voz e das modalidades diegéticas, poéticas e estéticas a ele ligadas.

O travestismo enquanto motivo literário não é recente. Utilizado desde as *Metamorfoses*, de Ovídio, até às literaturas mais atuais, o fenómeno esteve desde cedo ligado ao desejo de usar as roupas socialmente destinadas ao sexo oposto. Como nota Krzysztof Kulawik, em “Travestir para reclamar espacios” (2008), o travestimento é também, por isso, entendido como “categoria epistémica oposta ao binarismo heterossexual” e associado a uma “postura artística e política radical” que visa “descentralizar as noções de identidade, não apenas sexual, mas também nacional, ética e cultural” (Kulawik 2008: 104). Se a função autor, como sugere Michel Foucault, implica necessariamente o apagamento das marcas discursivas próprias de quem escreve para dar lugar àquelas de um *alter ego* e de uma outra consciência, o travestismo autoral inscreve uma forma de disjunção entre a identidade de género do/a autor/a empírico/a e daquele/a que se diz na página. As formas mais comuns são o uso de pseudónimos ou o emprego de marcas linguísticas de um género sexual diferente do/a autor/a empírico/a.

O crítico brasileiro Evando Nascimento, ecoando Foucault, associa o “travestismo literário” à “capacidade infinita que o dispositivo autoral tem de se travestir num outro e numa outra” (Nascimento 2013: 212). Neste caso, o travestimento repensa, como sugerem respectivamente Madelaine Kahn, em *Narrative Transvestism* (1991), e Ana Clavel, em *Yo es otr@* (2010), a relação problemática com a autoridade e a censura, e *quicá* com a tradição literária (desvio de géneros literários conotados como masculinos ou femininos na busca de reconhecimento cultural). Se o travestimento da voz corresponde assim, por aproximação, ao próprio fazer literário, hoje este procedimento é muitas vezes utilizado como traço distintivo da *performance*, denunciando e reestruturando os sistemas sociais, os cânones e as suas hierarquias. Como afirma Nascimento, num ensaio ainda a ser publicado, “elucidar a *performance* autoral ou o carácter performático

ou performativo das formações discursivas é um elemento político essencial dos *ativismos* científicos, literários e artísticos na atualidade”. Ou seja, os travestimentos abordados pelos textos aqui coligidos assumem a sua responsabilidade de ação, de ato transformador.

Assim, o presente número abre com um ensaio de Ana Luísa Amaral, publicado postumamente, no qual a poeta revisita, a partir da sua própria prática poética, algumas das preocupações críticas constantes na sua obra ensaística, explorando agora o conceito de travestimento da voz, algo que, nas palavras da autora, “sempre acontece em poesia, enquanto processo que passa pela criação de um eu/eus descoincidentes (embora tangentes) daquela ou daquele que os criou”.

Na secção Artigos, Catherine Dumas propõe questionar a divisão genérica entre narrativa e poesia nas obras recentes de duas poetisas portuguesas, Ana Luísa Amaral e Maria Teresa Horta, e os seus respetivos livros *Ágora* (2019) e *Ara* (2013), e *Anúncios* (2016) e *Estranhezas* (2018). Através de uma análise comparada, a autora reflete sobre o poder da poesia para elevar o som a uma nova dicção intermediária, na linha de Michel Chion e Gabriel Bergounioux.

A partir do trabalho de João Antônio, onde um duplo travestimento opera através da personagem e do texto que metamorfoseia a elegia aos excluídos, Jean-Paul Giusti coloca a questão do “corpo do travesti” como “um órgão político, redistribuindo as letras do mapa”. A este respeito, o autor convida-nos a estabelecer um diálogo dinâmico com a obra teatral de Hélène Cixous e a ler o texto de João Antônio à luz de considerações emprestadas por Cixous sobre géneros sexuais e textuais, a fim de abordar o que Giusti chama “uma estrutura libidinal de subjectividade”. Bénédicte Mathios, por sua vez, analisa a tradução como um ato de disfarce textual e, ao mesmo tempo, um ato que impõe, paradoxalmente, a revelação da voz poética, uma vez que, no caso da poeta Olvido García Valdés, as regras da língua de origem (o espanhol) e as da língua de destino (francês) diferem. Como nota a crítica e tradutora, “a enunciação poética não assenta estritamente no feminino nem no masculino, nem tão pouco no neutro, mas sim na realidade de um enunciado que é ‘campo de vivência’ do sujeito que o enuncia”.

Sara Novaes Rodrigues parte do primeiro romance da escritora Charlotte Brontë para traçar um panorama crítico das teorias sobre o travestimento literário, lembrando como a autora inglesa começa por procurar no travestimento masculino do narrador uma autoridade necessária para a sua voz criadora. Já Christina Bielinski Ramalho convida-nos a considerar o vasto repertório do compositor e escritor brasileiro Francisco Buarque de Holanda. Revisitando o extenso trabalho crítico sobre o “trovador” na música brasileira, a autora traça a evolução gradual das representações da subjectividade feminina na obra, mesmo que não abandone completamente a projeção fantasmagórica do sujeito masculino. Por fim, Daniel Rodrigues tem a dupla função de encerrar, neste número, o debate sobre o travestimento da voz nas literaturas ibero-americanas contemporâneas e, ao mesmo tempo, abrir uma reflexão sobre o estatuto da língua concêntrica e o significado dos anacronismos nos textos travestidos de Herberto Helder.

Este volume inclui ainda uma resenha de Maria Luísa Malato ao livro de Cicero Cunha Bezerra intitulado *Clarice Lispector: quando Deus acontece* (2021).

\*

Dedicamos este número a Ana Luísa Amaral, nossa amiga, colega e responsável pela criação e coordenação, durante muitos anos, da linha de investigação “Intersexualidades” no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. A sua perda foi, para nós, irreparável, pelo seu saber imenso, pelas redes de partilha de pensamento e de investigação que construiu, pelo modo sábio com que aliou os afetos à reflexão crítica e política, e pela sua presença luminosa, sempre. Deixou-nos a sua poesia e todos os ensinamentos nela contidos, como este poema de *Se fosse um intervalo* (2009) e a sua lição sobre os muitos travestimentos, da voz e da vida –

### CONSTELAÇÕES

Usamos todos a ilusão  
de fabricar a vida:  
histórias, constelações  
de sons e gestos

Usamos todos a suprema glória  
do amor: por generosidade  
ou fantasia, ou nada, que de nada se fazem  
universos

Usamos todos mil chapéus de bicos  
mal recortados e de encontro  
ao sol:  
o nosso mais perfeito em franja e bico  
e um arremedo tal e seiscentista  
que ofuscando-se: o sol

Usamos todos esta condição  
de pó de vento, ou de rio  
sem pé: único dom de fabricar o tempo  
em raiz de palmeira  
ou de cipreste  
(Amaral 2022: 750)

Daniel Rodrigues (UCA/CELIS/ILCML)  
Assia Mohssine (UCA/CELIS)  
Marinela Freitas (UP/ILCML)

## Bibliografia

- Amaral, Ana Luísa (2022), *O Olhar Diagonal das Coisas*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Clavel, Ana (2010), *Yo es otr@. Cuentos narrados desde otro sexo*. México, Cal y arena.
- Foucault, Michel (1969), « Qu'est ce qu'un auteur? », *Bulletin de la Société française de philosophie*, 63e année, no 3, juillet 8 septembre, 73-104.
- Khan, Madelaine (1991), *Narrative Transvestism: Rhetoric and Gender in the Nineteenth-Century English Novel*. Ithaca, Cornell University Press.
- Kulawik, Krzysztof (2008), "Travestir para reclamar espacios: la simulación sex/text-ual de Pedro Lemebel y Francisco Casas en la urbe Chilena", *ALPHA*, no. 26 / Julio, 101-117.
- Nascimento, Evando (2013), "A portrait of the author as a reader", Translation by Anthony Lennard. João Cezar de Castro Rocha (ed.), *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 26, Lusofonia and its Futures, Dartmouth, University of Massachusetts Press, 207-224.